



CORPOS E REGIMES DE VISIBILIDADE NO CINEMA QUEER-FEMINISTA LATINO-AMERICANO: POR UMA ESTÉTICA DA BIOVIGILÂNCIA

Thiago Scarpat¹

Gabriela Santos Alves²

Palavras-chave:

Corpos; regimes de visibilidade; cinema latino-americano; teorias queer-feministas; estética da biovigilância.

RESUMO EXPANDIDO

Este trabalho fala sobre uma pesquisa em Comunicação e Territorialidades que tem por objetivo geral investigar as estratégias estéticas, técnicas e éticas do cinema queer-feminista latino-americano contemporâneo que tensionam regimes de visibilidade e controle sobre corpos dissidentes, contribuindo, assim, para a configuração de uma *estética da biovigilância*. A fundamentação teórica articula conceitos como biopoder (Foucault, 2004), farmacopornopoder (Preciado, 2018), regimes de visibilidade (Bruno; Kanashiro; Firmino, 2010), território e territorialidade (Haesbaert, 2007), corpa-enqueerzilhada (Lira; Brandão, 2021) e heterossexualidade compulsória (Rich, 2010).

¹ Doutorando no programa de pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (POSCOM/Ufes). Email: thiagomozer1@gmail.com

² Professora permanente do POSCOM/Ufes e pós-doutora em Comunicação e Cultura – Eco/UFRJ. Email: gabriela.alves@ufes.br



A partir de uma abordagem interdisciplinar e entendendo o corpo como território político (Grijalva, 2020), a pesquisa problematiza como tais estratégias supracitadas de obras produzidas na América Latina a partir de 2001 — como *Pelo malo* (Mariana Rondón, 2013); *Três tigres tristes* (Gustavo Vinagre, 2022); *Casa Roshell* (Camila José Donoso, 2017) — tensionam a gramática visual hegemônica, criando zonas de ilegibilidade e opacidade queer (Halberstam, 2020). Assim, esses filmes evidenciam corpos racializados, periféricos, generificados e sexualmente dissidentes que, ao mesmo tempo em que são alvo de vigilância, reconfiguram seus modos de existir e narrar, prerrogativa inicial de pesquisa à estruturação da noção de *estética da biovigilância*.

Logo, a *estética da biovigilância* é proposta como categoria crítico-analítica original que permite observar como tais audiovisualidades expõem, friccionam e ressignificam dispositivos normativos de vigilância (Foucault, 2018), operando entre captura e resistência. Para tanto, esta pesquisa busca enxergar o corpo biovigilante como território de uma assimetria: cumprem, por captura, com os ritos da vigilância controladora mas reconfiguram o jogo vigilante, por fuga, ao tentarem criar territórios seguros para a existência de suas vidas. Logo, uma *estética da biovigilância* denunciaria que os corpos desviantes têm direto à intimidade, à experimentação e ao afeto justamente quando suas vidas são expropriadas destes três eixos. Ora, a biovigilância, quando adentrada ao campo comunicacional, age em impasse e conflito, pois tem resistência.

Metodologicamente, a investigação combina *genealogia foucaultiana* (Foucault, 2004; 2018) e *análise fílmica* (Penafria, 2009), observando a dimensão estética da vigilância como território de disputa simbólica. A genealogia permite rastrear as condições históricas e políticas que configuram a biovigilância, deslocando-a do campo da Saúde (Paim et al., 2021) para uma elaboração estética na Comunicação. Já a análise fílmica possibilita identificar recursos visuais, narrativos e performáticos que materializam tais disputas no audiovisual queer-feminista latino-americano proposto enquanto corpus.



Por fim, a *estética da biovigilância* evidencia disputas entre visualidades normativas e contravisualidades insurgentes, desafiando formas de controle e regulação dos corpos, na qual a vigilância não é apenas tecnológica, mas também estética, política e epistêmica. Uma aproximação inicial da pesquisa indica que, ao estetizar a vigilância, essas obras não apenas representam corpos dissidentes, mas instauram um regime sensível que desloca as lógicas tradicionais de “ver para controlar” para um “ver para resistir e ludibriar”. Assim, a *estética da biovigilância* emerge como categoria que tensiona os limites entre o controle e a insurgência, contribuindo para o campo da Comunicação e Territorialidades ao compreender o cinema e o corpo como territórios estético-políticos de disputa sobre modos de ver e existir.

REFERÊNCIAS

- BRUNO, Fernanda; KANASHIRO, Marta; FIRMINO, Rodrigo (org.), **Vigilância e visibilidade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- _____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GRIJALVA, Dorotea Gómez. **Meu corpo é um território político**. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- HALBERSTAM, J. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020. PAIM, S. et al. “**Biovigilância no processo de doação de órgãos e tecidos durante a pandemia: desafios para o enfermeiro**”. In: *Pesquisa Escola Anna Nery*, n. 25, maio 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/vpp3Pf8CqF7fRwBw5ZmRdNs/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. *Anais eletrônicos...* Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 02 de ago de 2025.



PRECIADO, P. *Testo junkie*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas, v. 4, n. 5, 2010.

SOUSA, R. L.; BRANDÃO, A. S. **“Corpas-enqueerzilhadas e alianças insólitas no cinema brasileiro”**. *Revista Visuais*, v. 7, n. 2, 2021.

Minicurrículo:

Doutorando e Mestre pelo POSCOM/Ufes. Licenciado em Letras Português-Francês (2015) e em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (2020), todas pela Ufes. Participou do grupo de pesquisa "A escrita de si na ficção brasileira contemporânea" (2011/2014). Prêmio SECULT de dramaturgia por "O restou dos nossos amores" (2017). Pesquisa Tecnologias da comunicação; Cultura digital; Audiovisualidades; Subjetividade, corpo e imagem; gênero e sexualidade; Visibilidade; Vigilância.

Minicurrículo de Gabriela Santos Alves: Professora Associada do Departamento de Comunicação Social e Docente Permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES. Pós-doutora em Comunicação e Cultura – Eco/UFRJ. Pesquisadora da Fapes/ES, Edital Mulheres na Ciência. Integra o LapVim - Laboratório de Pesquisas sobre enfrentamento à violência contra mulheres no Espírito Santo (UFES) e o grupo de pesquisa CIA - Comunicação, imagem e afeto (UFES/CNPq). Realizadora audiovisual.